

**VIVACIDADE E SUBVERSÃO DE CALIBAN
EM “TEMPESTADE”, DE WILLIAM SHAKESPEARE**

Beatriz Lourdes da Silva Santos (UFT)

beatrizlourdes009@gmail.com

Naiana Siqueira Galvão (UFT)

anaiangalvao@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar perspectivas decoloniais presentes nos pensamentos e discursos do personagem Caliban na obra “The Tempest”, de William Shakespeare (1611). O aporte teórico empregado com base na teoria do giro decolonial criado por Quijano (2013) e Mignolo (2006). O trabalho corresponde em uma abordagem qualitativa de cunho bibliográfico permeado pelo viés de análise literária da peça sustentada pelos estudos decoloniais. A problematização circunscreve-se nas formas de hierarquização de poder engendradas pela figura colonizadora de Próspero subjacentes ao povo da ilha. Diante das análises, identificamos que o sujeito colocado como o subalterno – nativo – pelo dominador – Próspero – não está à mercê e passividade de aceitação dos processos da colonização.

Palavras-chave:

Decolonial. Imperialidade. Língua. Pensamentos.

ABSTRACT

This article has as goal analyze decolonial perspectives which are presents in the thoughts and speeches Caliban’s character in the play “The Tempest” by William Shakespeare (1611). The theoretical contribution used based on the theory of decolonial turn created by Quijano (2013) and Mignolo (2006). This work corresponds to qualitative approach of a bibliographic nature, permeated by the bias of literary analysis of the play sustained by the decolonial studies. The problematization is limited to the forms of hierarchization of power meshed by the colonizing the figure of Prospero underlying the people of the island. In front of analyses, weid entify that the subject posted as the sulbatern – native – by the ruler – Propero– it is not at the mercy and passivity of acceptance of the colonizations’ processes.

Keywords:

Decolonial, Thoughts, Imperialism, Language.

1. Introdução

Este artigo é um recortado trabalho de conclusão de curso de Letras Inglês pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), realizado no primeiro semestre de 2019. O pós-colonialismo estuda e busca compreender a identidade “recém-adquirida” pelos povos colonizados e desco-

brir os valores dessa “nova identidade” imposta pelos europeus. No entanto, há correntes de estudos sociais que se preocupam com as formas de discursos ocidentalistas circulantes no mundo.

Instituíram o grupo Modernidade/Colonialidade e com isso a teoria do Giro Decolonial passou a ser fomentada pelos pesquisadores da América do Sul como mecanismo de contrapor uma única corrente científica no mundo, o Ocidente. Este trabalho tem como objetivo analisar os pensamentos, os discursos e as atitudes decoloniais presentes no personagem “Caliban” na obra “A Tempestade”³⁷⁵ (1610), de William Shakespeare (1564–1616). Tal assunto, sobre decolonizar o pensamento e o ser, traz a problematização das formas de hierarquização de poder na qual houve a negação do direito e a perda da cultura do habitante da ilha, Caliban.

O interesse sobre o tema surgiu nas aulas de Literatura Americana que abordaram fatos históricos decorridos dos processos de colonização, formação da civilização e teórica decolonial sendo importante compreender a necessidade de analisar estes aspectos que contribui para percebermos que é imprescindível emancipar decolonialmente nossas mentes.

O trabalho apresenta, alguns teóricos que norteiam as reflexões sobre a peça de William Shakespeare, *a priori* nas reflexões do filósofo Aníbal Quijano (2013), que traz conceitos e desdobramentos sobre os trabalhos do grupo Coloniedad/Modernidad/Decoloniedad. Neste mesmo campo de discursão temos Walter Mignolo (2006) e Memmi (1977).

A pesquisa é baseada no estudo qualitativo de cunho bibliográfico. Conforme Chizzotti (1998, p. 83) a pesquisa qualitativa permite “uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”, isso porque “o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, contactados por uma teoria explicativa; o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos atribuindo-lhes um significado” ou seja esta relação que é traçada pelo mundo e o sujeito que concerne à parte subjetiva do problema a ser investigado. Logo a pesquisa qualitativa é capaz de identificar e analisar dados que não podem ser mensurados numericamente.

³⁷⁵ SHAKESPEARE W. A Tempestade (1623) Ed. Ridendo Castigat Mores (2002) e a versão original inglesa The Tempest (1669) foram lidas e estudadas para realizar esta pesquisa.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Para Gil (2002, p. 44) a pesquisa bibliográfica consiste em reunir informações e dados que servirão de base para a construção da investigação proposta a partir do tema escolhido.

O primeiro capítulo intitulado, O Imperialismo Inglês: Certas reflexões sobre língua, cultura e literatura, na perspectiva de Edward Said (1995), Homi Bhabha (1998) e Rajagopalan (2005) que exploram a situação do sujeito “dominado” pela língua imperialista inglesa; O segundo capítulo aborda os procedimentos metodológicos utilizados para estruturar a pesquisa, e o último, *The great turned: (re)viravoltas de Caliban*, utiliza a obra (“*The Tempest*”, 1669) dando enfoque nas argumentações dos personagens Caliban e Próspero analisando os pensamentos decoloniais do sujeito que até então se encontrava “docilizado” pelo dominador inglês.

2. *The great turn: (re)viravoltas de Caliban*

De início, estudaremos no texto fonte “*The tempest*” (1669), escrito por William Shakespeare em 1611, que contém cinco atos que acontecem em um navio e em uma ilha isolada. É importante ressaltar que esta peça foi escrita para alguns personagens em prosa e para outros personagens em versos.

Iniciamos este capítulo, pontuando através dos personagens Próspero e Caliban decorrido do enredo sequencialmente à elucidação dos fatos e ações em conformidade com análises e suas prerrogativas endossadas pela teoria do Giro Decolonial.

No ato I, há forte tempestade e um navio enfrenta-a. Este navio traz Ariel, Alonso, seu filho Ferdinand, Miranda filha de Próspero, alguns outros tripulantes e Caliban que habitava a ilha do caribe. Na segunda cena deste ato, Próspero chama Ariel, seu fiel escravo, para procurar as pessoas do barco e ver como elas estavam após as inúmeras ondas enfrentadas devido a tempestade. Neste momento, Ariel pede por sua liberdade:

ARIEL – Mais fadigas? Já que novos trabalhos me destinas, permite que te lembre uma promessa que ainda não cumpriste.³⁷⁶ (MORES, 2002, p. 14)

³⁷⁶ Is there more toyl? Since thou dost give me pains, let me remember thee what thou hast promis'd, which is not yet perform'd me. (p. 16)

Ariel deseja ter sua liberdade, por isso lembra seu senhor quanto antes. Porém, Próspero não o libertará devido as inúmeras obrigações a serem executadas sob o comando do mestre e provavelmente não lembraria. Próspero descreve o nascimento de Caliban, filho da bruxa Sycorax utilizando termos carregados de sentidos discriminatórios, uma espécie de discurso condenatório para este caribenho.

PRÓSPERO – Por grávida encontrar-se, essa megera de olhos azuis foi para cá trazida e abandonada pelos marinheiros. Tu, meu escravo, como te nomeias, eras, então, seu criado. Mas por seres um espírito muito delicado para suas ordens por demais terrenas e repugnantes, não te submetias a quanto ela ordenava, razão clara de te haver ela, ouvindo o imperativo de seu furor imenso e com o auxílio de seus ministros de poder mais forte, fechado numa fenda de pinheiro. Nessa racha de tronco, atormentado, uns doze anos ficaste, no qual tempo veio a morrer a amaldiçoada bruxa, na prisão te deixando, onde soltavas gemidos tão frequentes como as rodas do moinho em seu girar. Então, esta ilha – se excetuarmos o filho que ela teve, um mostrengo manchado – forma humana nenhuma a enobrecia.³⁷⁷ (MORES, 2002, p. 15)

Para Próspero, Caliban não é visto como um ser humano um ser dotado de sentimentos e razão. Na verdade, para ele era um animal, um nativo selvagem. Próspero acreditava que Caliban não tinha cultura, nem língua porque este ser não compreendia e não era falante da língua do rei. Seu plano estratégico era colonizá-lo para assim, dar ordens e fazê-lo obedecer. A forma que Próspero consegue extrair o que tanto almeja, dominar Caliban, é através do emprego da força autoritária, da violência física e psicológica. Percebemos que o discurso colonial se concentra na construção do colonizado como inferior, medíocre e repugnante. “[...] um mostrengo manchado – forma humana nenhuma a enobrecida” (p. 15). Por esta perspectiva, podemos observar que a figura do colonizador é aquela carregada de civilidade e sobre outro, ignorando completamente as atribuições de humano, visto como objeto.

³⁷⁷ PROSPERO – This blew-ey’d Hag was hit her brought with child, And here wasleft by th’ Saylor, thou, my slave, As thou report’st thy self, wast then her servant, And ’cause thou wast a spirit too delicate To act here arthy and ahborr’d commands; Refusing her grand Hests, she did confine thee, By help ofher more potent Ministers, (In her unmitigable rage) into a cloven Pine, With in whose ristim prison’d, thou didst pain fully Remain a dozen years; with in which space she dy’d, And left thee there; where thou didst ventthy Groans, as fast as Mill-wheels strike. Then was this Isle (save for two Brats, which she did Litter here, the brutish Caliban, and his twin Sister, Two freckel’d-hag-born Whelps) not honour’d with A humane shape. (DRYDEN; DEVENANT, p. 18)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Segundo Memmi (2007) ao impor sua língua, o colonizador coloca-o em constante posição de inferioridade e submissão, minando-lhe a autoestima, negando-lhe usufruir de direitos universais como a liberdade. Ao mantê-lo cativo em sua própria terra, em “estado de subumanidade” (MEMMI, 2007, p. 280).

Ainda sobre a cena do ato I, podemos perceber dos temas centrais na peça: a figura do europeu chegando em “nova terras” e civilizandando os nativos selvagens. Ao pisar em um lugar exótico, diferente e desconhecido pela civilização o embate inaugurar os desafios da compreensão da língua que circula este atraente ambiente e seus habitantes.

A luta contra o conquistador, a língua ocupa lugar de destaque. Próspero ensina-o a falar, porém para Caliban a língua serve para impor-se ou resistir às ordens do dito civilizado. Veja a fala de Caliban:

CALIBÃ – A falar me ensinastes, em verdade. Minha vantagem nisso, é ter ficado sabendo como amaldiçoar. Que a peste vermelha vos carregue, por me terdes ensinado a falar vossa linguagem.³⁷⁸ (MORES, 2002, p. 17)

Caliban aprende a língua de Próspero para rebelar-se contra aquilo que está sendo construído imposto, como ele revela: “a falar me ensinastes, em verdade. Minha vantagem nisso é ter ficado sabendo como amaldiçoar”. (SHAKESPEARE, 1999 p. 44). Aprender a língua do seu senhor, para Caliban significa auto empoderar-se e amaldiçoá-lo como manifestação de um ato de libertação do ser, logo, a decolonização do sujeito como é evidenciado por Quijano (2013) é posta em destaque quando reafirma Caliban – “a falar me ensinastes, em verdade. Minha vantagem nisso, é ter ficado sabendo como amaldiçoar. Que a peste vermelha vos carregue, por me terdes ensinado a falar vossa linguagem (MORES 2002 p. 17)”

No fluir do enredo da peça, há um outro personagem que está em condição semelhantes de subordinação aos comandos de Próspero chamado Ariel. Ele também é escravo e um espírito que pode se transformar em ar, água e fogo, porém há certas diferenças de como Próspero trata Ariel³⁷⁹ e Caliban veja:

³⁷⁸ CALIBAN: You taught me language, and my profit by it is, that I know to curse: the red hot god rid you for learning me your language (DRYDEN; DEVENANT, p. 21)

³⁷⁹ Ariel um espírito dotado de poderes – ar, água, fogo, vento, terra.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PRÓSPERO – Meu bravo espírito! Quem terá sido tão constante e firme que a razão não pendesse em tal revolta? (MORES, 2002, p. 13)

PRÓSPERO – Sacode-o. Vamos ver o meu escravo Calibã, que só tem palavras duras para minhas perguntas³⁸⁰ (MORES, 2002, p. 16)

A forma diferenciada de tratamento entre Ariel e Caliban é percebida pelo emprego dos adjetivos que qualificam um servo ‘bravespirit’ e condena o outro, neste caso, “myslave” para Caliban.

Quando observamos o adjetivo “brave” na fala de Próspero direcionada à Ariel, além de proporcionar diante de todos os ouvintes um certo status de prestígio, há em contrapartida, o interesse que cerca e move as razões para que tais qualificações continuam presentes no discurso do colonizador.

Ariel é uma espécie de criatura mística, um espírito dotado de poderes, estes, são equivalentes a composição do universo – ar, água, fogo, vento, terra – capaz de altear e (trans)formar a realidade do ambiente. Logo, vemos o quão ‘precioso’ é aos olhos daquele que almeja estar com todo o controle da ilha, – o europeu – que neste caso, representa uma grande nação e quer dominar grandes continentes – o mundo.

Próspero detinha-o para que seus objetivos pudessem ser alcançados, de certa forma com rapidez, agilidade e genialidade. Afinal, Ariel não se tratava de qualquer servo, havia magia nele. E sob esta relação há somente vantagens discursivas, palavras articuladamente empregadas para que os interesses vivos e operantes de ambas as partes. Para o sociólogo peruano, Quijano (2013) “a Colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista”, (QUIJANO, 2013, p. 41) que incorpora os critérios de base “racial”/étnica, cujo berço foi a colonização das Américas.

[...] o poder, nesta perspectiva, é uma malha de relações de exploração/dominação/conflito que se configuram entre as pessoas nadisputa pelo controle do trabalho, da “natureza”, do sexo, da subjetividade e da autoridade. Portanto, o poder não se reduz às “relações de produção”, nem à “ordem e autoridade”, separadas ou juntas. E a classificação social refere-

³⁸⁰ PROSPERO: May brave Spirit! Who was so firm, so constant, that this coil did not infect this Reason? (DRYDEN; DEVENANT, p. 15)

PROSPERO Shake it off; come on, I'll now call Caliban, my slave, Who never yields us a kind answer. (DRYDEN; DEVENANT, p. 19)

se aos lugares e aos papéis das gentes no controle do trabalho dos seus recursos (incluindo os da “natureza”) e seus produtos; do sexo e seus produtos; da subjetividade e dos seus produtos (antes de tudo o imaginário e o conhecimento); e da autoridade, dos recursos e dos seus produtos (QUIJANO, 2013, p. 46).

Todavia, Caliban era o oposto do outro servo. Relembrando que ao chegar na ilha – não nomeada – Próspero encontra-o sozinho, pois sua mãe Sycorax - uma bruxa de olhos azuis – havia morrido. Como era ainda pequeno e necessitava de instrução na sua língua Próspero passou a ensiná-lo a nomear às coisas e através delas compreender seus sentidos e suas funções.

Os diversos tempos ao mesmo tempo, os corpos em suas múltiplas interações, emblemas cambiantes, fragmentados, contraditórios, que respondam também por identidades contraditórias, constituídas num mundo de mesclagem cultural, linguística, onde as correntes migratórias e os movimentos sociais procuram (sic) definir outras relações, inclusive de poder. (RAJAGOPALAN, 2006, p. 25)

A relação de mestre e aprendiz, era mais uma vez, a estratégia de manter do lado do opressor ‘armas eficaz’ para os pedidos sórdidos que encabeçavam a disputa por terras e poderes. Caliban encaixava-se perfeitamente por possuir as atribuições de ‘escravo’ nativo, conhecedor das profundezas daquela terra, destemido e forte o bastante por ser filho de bruxa, ter fenótipos humanoides e animais. Logo, este servo que na adolescência foi batizado pelos ensinamentos do civilizado homem branco, que maduro suficiente poderá subverter seus comandos opressores e resgatar para si o domínio de seu lar sob o mesmo viés que os ‘uniram’: a língua.

Desde então, qualquer pessoa deverá poder declarar sob juramento: eu não tenho senão uma língua e ela não é minha, a minha própria língua é me uma língua inassimilável. A minha língua, a única que me ouço falar e me ouço a falar, é a língua do outro (DERRIDA, 2001a, p. 39).

O **segundo ato** começa em um outro lugar da ilha. Os membros da tripulação Alonso, Sebastião, Antônio, Gonzalo, Adriano, Francisco estão perdidos nesse lugar. Gonzalo inicia um diálogo com Alonso relatando e diz que mesmo perdendo tudo na tempestade Gonzalo fica alegre por estar a salvo na ilha. Já Alonso se recorda de seu filho, o herdeiro de Milão Ferdinando, e logo fica triste achando que ele morreu afogado. Em

seguida Ariel aparece invisível e ao som de música ele faz todos dormirem profundamente.

Na segunda cena do ato II, Caliban amaldiçoa Miranda e Próspero enquanto carrega madeira. Neste mesmo instante surge Trinculo e por esta razão, Próspero envia espíritos de Tormentos para seu servo.³⁸¹ Caliban rapidamente se esconde em seu casaco para que os males não afetem e Trinculo encontra-o e tem a seguinte percepção:

— Olá! Que temos aqui? É homem ou peixe? Está vivo ou morto? É peixe; o cheiro é de peixe, esse velho cheiro de ranço, que lembra muito a peixe, no jeito de bacalhau meio passado. Mas, que peixe esquisito! Se eu estivesse agora na Inglaterra —como já me aconteceu de outra feita— e fosse dono deste peixe pelo menos em pintura, não haveria tolo de feira que não pagasse uma moeda de prata para vê-lo. Este monstro me deixaria homem. Naquela terra não há animal estranho que não faça homens. Não dão um ceitel para auxiliar um aleijado, mas darão dez para ver um índio morto. As pernas são como as de gente; as barbatanas parecem braços .. E está quente, por minha fé! Abandono minha primeira ideia; não é peixe, mas um insulano que a trovoada derrubou. (trovões.) Ai de mim! Recomeça a tempestade. O melhor que tenho a fazer é ficar debaixo do manto dele; em toda a redondeza não há outro abrigo. A necessidade nos faz habituar com estranhos companheiros de leito. Vou esconder-me aqui, até que passe a borra da tempestade. (MORES, 2002, p. 34)

Conforme evidenciamos pelo discurso de Trinculo, o sujeito diferente tornou-se exótico e atraente para os demais civilizados que neste caso são os cidadãos ingleses “ se eu estivesse agora na Inglaterra (...) e fosse dono deste (...) este monstro me deixaria homem” (MORES, 2002, p. 34). O exibicionismo é lucrativo e representa também formas de subjugação do outro, por colocá-lo numa situação de objeto.

Chegando à Cidade-Luz, Josephine Baker respirou o ar de maior tolerância racial e, quase que incrédula, não sentiu saudades dos Estados Unidos. A jovem sorridente e de olhos esbugalhados explodia no palco com uma energia vulcânica. Mexendo com as emoções e explorando suas

³⁸¹ Trinculo: What have we here? A man or a fish? Dead or a live? A fish. He smells like a fish; a very ancient and fish-like smell; a kind of, not of the newest Poor-John. A strange fish! Were I in England now, as once I was, and had but this fish painted, not a holiday fool there but would give a piece of silver; there would this monster make a man. Any strange beast there makes a man. When they will not give a doit to relieve a lame beggar, they will lay out ten to see a dead Indian. Legged like a man! And his fins like arms! Warm o' my troth! I do now let loose my opinion, hold it no longer: this is no fish, but an islander, that hath lately suffered by a thunder bolt (DRYDEN; DEVENANT, p. 20).

habilidades pantomímicas, fazia caretas, contorcía-se, remexia-se e gingava freneticamente, de um lado para o outro. [...] ao som sincopado e pulsante do jazz, do Back Bottom e do Charleston – a mais nova sensação musical do momento (Hobsbawm, 1990). Elétrica e espalhafatosa, notabilizava-se pela espontaneidade, expressividade e alegria contagiante. Baker era, em uma só palavra, instintiva. Ao vê-la em cena, as plateias francesas ficavam em estado de excitação, convictas de que estavam diante de algo novo, inusitado, insólito, porém fascinante e hipnotizador. (DOMINGUES, 2010, p. 99)

O terceiro ato acontece em frente à casa de Próspero, na qual Ferdinand está ajudando a carregar seus pertences e Miranda decide ajudar também. Próspero percebe que seu plano de formar o casal está saindo conforme o planejado.

Enquanto Próspero está em sua casa com sua filha Miranda e Ferdinand do outro lado da ilha Próspero encontra Caliban instruindo Stephano num plano de usurpar o ‘trono’ da ilha matando Próspero. Trinculo discorda dos planos do nativo e chama-o de monstro. “(...) Mas, primeiro, é preciso que te lembres de lhe tomar os livros, pois, sem eles, é um palerma como eu” (MORES, 2002, p. 44) este é o raciocínio de³⁸² Caliban arguindo Stephano do que deveria fazer primeiro ao chegar na residência de Próspero.

Observamos que a estratégia de Caliban é retirar algo que dá poder para o rei, o livro. Lugar onde há registros de conhecimentos antigos, receitas milenares, instruções preciosas de magia com poderosos ensinamentos. Este nativo sabia que ao separar de Próspero seu pilar fundamental – o livro – fragmentaria suas formas de estabelecer controle sobre ele e todos os habitantes da ilha. E o segundo passo, dar cabo ao conquistador, pois há o desejo de reviravoltas: “todos, como eu, lhe têm ódio entranhado” (MORES, 2002, p. 45).

Spivak (1995) refere-se à violência epistêmica, cuja tática de neutralização do Outro é qualificar este sujeito como subalterno e colonizado. Isso consiste em invisibilizá-lo, expropriando-o de suas origens, de sua traição, desprovendo-o de qualquer possibilidade de representação autônoma de si, silenciando-o. Este silêncio, que por muitos é “relegado

³⁸² / First to possess his books; for without them / He's but a sot, as I am, nor hath not. (DRYDEN; DEVENANT, p.80).

a uma posição secundária [...] como resto de linguagem” (ORLANDI, 2002, p. 12) para Spivak (1995) configurar-se em extinção.

Para Bonnici (2009) o termo subalterno é usado para descrever o colonizado-objeto. Esse termo foi usado primeiramente na obra de Antônio Gramsci (1891–1937) intitulada *Note sullastoria italiana* (1935) e “refere-se as pessoas na sociedade que são o objeto da hegemonia das classes dominantes” (BONNICI, 2009, p. 265).

A partir deste pensamento, entendemos que é importante para qualquer indivíduo ter uma identidade e liberdade para pensar e falar por si próprio, “a questão do sujeito e da subjetividade afeta diretamente as percepções das identidades dos povos colonizados e suas capacidades para resistir às condições de sua dominação, sua “sujeição”³⁸³ (SPIVAK, 1995 p. 219).

No **quarto ato**, em frente à casa do mestre, está sua filha Miranda e Ferdinand. Próspero fala para Ariel³⁸⁴ preparar uma cerimônia. Mais tarde, Caliban, Trinculo e Stephano ao chegar neste mesmo local encontram algumas roupas e vestem. Inesperadamente, alguns espíritos chegam, conduzidos por Próspero aparecem e levam Caliban, Trinculo e Stephano.

No desfecho do ato final, Próspero pede a Ariel para libertar o rei e os outros. Neste momento, desiste de sua magia jogando seus livros ao mar e diz que voltará para Milán e não será o senhor daquela ilha. Sua filha Miranda e Ferdinand são abençoados por Alonso. Próspero confirma com Ariel sobre os preparativos de retorno, pede que libertem Caliban, Trinculo e Stephano. E Antônio sendo um europeu idealiza o quão proveitoso e rentável este servo que poderia ser:

ANTÔNIO – Decerto poderemos; uma delas é puro peixe e, sem nenhum dúvida, vendável no mercado.³⁸⁵ (MORES, 2002, p. 65)

³⁶⁵ The question of the subject and subjectivity directly affects colonized peoples’ perceptions of their identities and their capacities to resist the conditions of their domination, their ‘subjection’ (SPIVAK 1995 p. 219).

³⁸⁴ Ariel (Como seu nome é hebraico e indica “leão do senhor” este fiel servo conta o seu plano de vingança de Caliban.

³⁸⁵ Antonio: Very like. Oneofthem / Is a plainfish, and, no doubt, marketable (DRYDEN; DEVENANT, p. 260).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Antônio via Caliban como uma mercadoria e desejava-o a fim de obter vantagem. No que se refere a Caliban, podemos perceber que ele se libertou do jugo da colonialidade imposta pelo colonizador, Próspero. Suas atitudes e pensamentos são decoloniais no instante que ele se recusa as ordens do seu senhor, ele busca a emancipação absoluta dos tipos de opressão e dominação. Para Mignolo o pensamento decolonial é;

O pensamento decolonial, desta forma, é um pensamento de fronteira, a partir da condição da “subalternidade colonial”. Não se ignora o pensamento moderno, mas não se pode ser subserviente a ele, mesmo que ele seja crítico. A decolonialidade se afirma a partir do espaço em que ela foi negada pela modernidade e suas pretensões críticas. (MIGNOLO, 2003, p. 51)

A formulação desse pensamento como fronteiriço expressa a resistência “às cinco ideologias da modernidade: cristianismo, liberalismo, marxismo, conservadorismo e colonialismo” (BALLESTRIN, 2013, p. 106). E esse pensamento deve-se recuperar as vozes dos colonizados que ousaram lutar pela descolonização e que foram os primeiros decoloniais. (MIGNOLO (2007, p. 28; 2008, p. 251).

O pensamento decolonial não trata simplesmente de retirar o verniz imposto pela situação colonial, tampouco se refere à emancipação simplesmente em termos políticos e econômicos. Trata-se, dentre todas estas possibilidades, especialmente, de retomar a cultura nativa dentro da sua legitimidade e autenticidade epistêmica, posto que apenas retirar o verniz imposto pelo colonizador resultaria em sociedades vazias, e não um retorno às epistemologias originárias dos povos subalternos. No que se refere ao final do quinto ato, o encerramento³⁸⁶ se dá seguinte maneira³⁸⁷:

³⁸⁶ PROSPERO TO CALIBAN Go Sirrah to my Cell, and as you hope for Pardon, trim it up. (DRYDEN; DEVENANT, p. 126)

CALIBAN Most carefully. I will be wise here after. What a dull fool was I to take those Drunkards For Gods, when such as these were in the world (DRYDEN; DEVENANT, p. 126)

³⁸⁷ PROSPERO: When the morn draws I'll bring you to your Ship, And promise you calm Seas and happy Gales. My Ariel, that's thy charge: then to the Elements Be free, and fare thee well. (DRYDEN; DEVENANT, p. 127)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PRÓSPERO – É tão disforme nos costumes como no feito exterior. Ide, maroto, já para minha cela, acompanhado de vossos dois amigos. Se quiserdes ser perdoado, arrumai-a com bem zelo. (MORES, 2002, p. 65)

CALIBÃ – É o que farei; e de ora avante quero mostrar-me mais razoável e obter graça. Mas que asno reforçado eu fui, tomando por um deus este bêbado e inclinando-me diante deste imbecil! (MORES, 2002, p.65)

Observando a fala de Caliban apresenta-se arrependido e pensativo, pois não há formas de servir ao mestre sem ser explorado, abusado e condenado ao fardo senhoril. É nesta situação que mais uma vez sua mente liberta-se das amarras da Colonialidade pois ele almeja ser “mais razoável e obter graça” (MORES 2002, p. 65).

Assim que o triunfo de Caliban de atingir sua desconstrução de pensamento servil, esboça seu ápice na decolonialidade nos instantes em que se manifesta contra estas práticas dominadoras e hegemônicas por meio dos mesmos códigos linguísticos empregados pelo colonizador.

3. Considerações finais

Neste trabalho, analisamos os pensamentos os discursos e as atitudes decoloniais do personagem Caliban na obra “The Tempest” (1610), escrito por William Shakespeare (1564–1616).

O *corpus* do trabalho é constituído das leituras do livro Shakespeariano uma em versão portuguesa e outra em língua inglesa que foram analisados os enxertos dos atos da peça sob a luz da teoria decolonial e dos estudos pós coloniais. Tendo como a sustentação a teoria do Giro Decolonial e Estudos pós-coloniais.

Vimos que o ápice da vertente da análise é quando Caliban aprende a língua dominadora, neste caso, o inglês. Seu corpo foi utilizado como ferramenta de exploração que geraram conquistas para o homem branco europeu representado por Próspero. No entanto, a mente de Caliban não foi de fato colonizada, nem dominada, pois em diversos momentos da peça Caliban rebelava-se discursivamente na própria língua do conquistador e arquitetava um plano de vingança para reaver sua terra: queimar os livros (palavras dominadoras) e assassinar seu opressor.

Esta pesquisa trouxe pontos relevantes para refletimos certas formas de gestão em nossa nação. Vale ressaltar, que os estudos decoloniais e pós-coloniais contribuem para que o cidadão, o estudante e qualquer interessado possa expandir sua percepção crítica acerca das estratégias po-

líticas dominadoras presentes nos discursos da modernidade e que nos conduz romanticamente numa fábula de civilização.

É imprescindível mencionar que certas práticas hegemônicas estão presentes também no currículo universitário e que por meio da literatura decolonial, em especial, refiro-me aos docentes do nosso curso de Letras, repensem suas práxis em suas disciplinas, porque é preciso ter acesso a estas discussões que para mim ampliaram minhas formas de compreensão com relação as formas que a cultura e a língua inglesa podem ainda manifestar dominação e controle em diversos aspectos sociopolítico econômica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHEBE, C. *Arrow of God*. New York: Anchor Books, 1974.
- _____. *A flecha de deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Things fall apart*. New York: Anchor Books, 1994.
- _____. *No longer at ease*. New York: Anchor Books, 1994.
- ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- APPIAH, K. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001
- BONNICI, Thomas. *O Pós-Colonialismo e a Literatura*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2000. p. 12
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- _____. “Remembering Fanon: self, psyche, and the colonial condition. Introduction to Frantz Fanon”. *Black skin, whitemasks*. London and Sydney: Pluto Press, vii-xxvi, 1986.
- _____. Day by Day... with Frantz Fanon. In: Alan Read (Ed.). *The fact of blackness: Frantz Fanon and visual representation*. Seattle: Bay Press, 1996. p. 186-205
- BRITTO, Paulo Henriques. Fidelidade em tradução poética: o caso Donne. In: *Terceira margem X* (15), p. 239-54, jul/dez. 2006.
- CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez, 1998.

DERRIDA, Jacques. *A Língua não pertence*: entrevista com Jacques Derrida. Tradução não publicada de Carlos Teixeira. [S.l.: s.n.], 2001b.

DOYLE, Michael – Empires, Ithaka University Press, citado em Edward Said: *Culture and Imperialism*, Chatto and Windus, London, 1993. p. 8

DOMINGUES. Petrônio “Vênus negra”: Josephine Baker e a modernidade afro-atlântica, 2010.

GIL, ANTÔNIO CARLOS, 1946. *Como elaborar projetos de pesquisas*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAMSCI, Antonio. Os Intelectuais. O Princípio Educativo. Jornalismo. In: *Cadernos do Cárcere*, V. 2, 4. ed. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. Co-edição de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

HOBBSBAWN, E. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Programa, mito e realidade. São Paulo: Paz e Terra, 1998. p. 53

_____. *A era dos impérios: 1875-1914*. 6. ed, São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LÉVI-STRAUSS, C. *Raça e história*. Lisboa: Editorial Presença/Unesco, 1951. p. 77

LACOSTE, Y. Por uma abordagem geopolítica da difusão do inglês. In: LACOSTE, Y. (Org.), RAJAGOPALAN, K. *A Geopolítica do Inglês*. São Paulo: Parábola, 2005.

LE PAGE, R. B. Projection, Focusing and Diffusio. *York Papers in Linguistics*, 1980. p. 53

MIGNOLO, Walter (Comp). *Descolonialidad del ser y del saber*. V.1. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2006.

_____. Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. In: *Cadernos de Letras da UFF*, n. 34, p. 287-324, Rio de Janeiro, 2008a.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Trad. de R. Corbisvisier e M. Pinto Coelho. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MUNDAY, J. *Style and Ideology in Translation: Latin American writing in English*. London/New York: Routledge, 2008. 280p.

MIGNOLO, Walter. *Historiaslocales/disenosglobales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid: Akal, 2003.

ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Unicamp, 2002.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula (Orgs). *Epistemologias do Sul* [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2013.

RAJAGOPALAN, K. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil. Por uma política prudente e propositiva. In: LACOSTE, Y. (Org.). RAJAGOPALAN, K. *A Geopolítica do Inglês*. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e Identidade: Elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2006. p. 21-45

SPIVAK, G. C. Canthesubalternspeak? In: ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. (Org.). *The Post-Colonial Studies Reader*. London: Routledge, 1995. p. 24-8

SHAKESPEARE'S *The Tempest*, copyright © Chelsea House Publishers 1669, reprinted with permission.

SHAKESPEARE W. *A Tempestade* (1623). Ed. Ridendo Castigat Mores (1947-2002).

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 177-8

_____. *Beginnings: intentions and method*. Nova York: Basic Books, 1975.

_____. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.

_____. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Paralelos e paradoxos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003a.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

THIONGO'O, N. W. *Decolonizing the Mind*. The politics of language in African literature. Portsmouth: New Hampshire, 1986.

TORRES, Maldonado Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramon (Coords). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs14089916.htm> : Acesso em 09 mai. 2019.

https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13432/13432_3.PDF Acesso em 02 Jun. 2019.